

Célia Maria de Sousa Machado Abreu

Projecto de Dinamização e Animação da Igreja de S.Pedro de Ferreira

Paços de Ferreira

2006

Célia Maria de Sousa Machado Abreu

Projecto de Dinamização e Animação da Igreja de S.Pedro de Ferreira

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a inestimável ajuda da minha querida amiga Di, pois sem a sua preciosa cooperação e apoio, nunca teria conseguido concluir este trabalho.

Claro que não posso esquecer a compreensão que tive da parte da coordenadora do curso Dr.^a Joana Neves, dos meus orientadores Dr. Sérgio Lira e Eng.^a Ana Salazar, por toda a disponibilidade que demonstraram para me ajudar mesmo fora de horas.

Ao meu marido e filhos por terem facilitado e compreendido a minha ausência, porque, ainda, foram algumas horas “roubadas” ao seio familiar.

Por último, mas não menos importante, a todos os formadores e colegas do curso “TURISMO CULTURAL”.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a progressão deste trabalho.

A todos o meu Muito Obrigada! Bem Hajam.

Índice

Capítulo I	8
Introdução	8
Capítulo II	10
O Vale do Sousa: Localização e Caracterização	10
2.1 - Enquadramento do Vale do Sousa na Região Norte	10
2.2 - Caracterização Genérica do Vale do Sousa.....	10
2.2.1 - Situação Geográfica.....	10
2.2.2 - População e Povoamento	12
2.2.3 - Estrutura das Actividades Económicas	12
2.3- Caracterização de Paços de Ferreira	13
2.3.1 – Freguesia de S.Pedro de Ferreira.....	14
Capítulo III	17
Breve Caracterização do Património	17
3.1-O Românico em Portugal.....	17
3.2-O Românico no Vale do Sousa	18
3.3- Caracterização da Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira	19
3.4- Património Arqueológico do Concelho.....	24
3.4.1 -Património Arqueológico, Natural e Edificado de Paços de Ferreira	24
3.4.2– Dólmen de Lamoso	25
3.4.3– Citânia de Sanfins, uma Cividade	26
Capítulo IV	28
Perspectivas do Turismo Cultural	28
4.1 – Turismo, Cultura e Turismo Cultural.....	28
4.2 - O Turismo Cultural, Património e Identidade.....	31
Capítulo V	33
Projecto de Dinamização e Animação da Igreja de S. Pedro de Ferreira	33

Curso de Pós-Graduação em Turismo Cultural

5.1-Objectivos.	33
5.2- Público-Alvo	35
5.3- Comunicação e Distribuição	36
5.4- Formas de Patrocínio.....	37
5.5 – Financiamento.....	37
5.6 – Calendarização.....	38
5.7 – Avaliação do projecto.....	38
Capítulo VI	39
Conclusão	39
Bibliografia	41
Anexos	46

Capítulo I

Introdução

A importância do Turismo Cultural tem vindo a acentuar-se como forma de preservar e valorizar património edificado português bem como toda a sua história (DHVFBO,2004). É uma fonte geradora de riqueza quer à escala nacional bem como também a uma escala local e regional, uma vez que permite criação de riquezas e ainda a possibilidade da criação de novos postos de trabalho. Como tal ao assumirmos a recuperação dos monumentos estamos ainda a dignificar toda a história de um povo ao longo dos séculos e também a contribuir para a sensibilização das populações locais no que diz respeito à importância do turismo, como fonte geradora de desenvolvimento económico.

O Vale do Sousa não foge portanto a este conceito. Trata-se de uma região que conserva a par com o seu desenvolvimento económico ainda uma ruralidade bastante acentuada (DHVFBO, 2004) notória mais em alguns dos seus concelhos que noutros. Detentora de um significativo número de construções monásticas, como por exemplo São Salvador de Paço de Sousa, S. Pedro de Ferreira, Pombeiro de Ribavizela, Cête, esta região denota a importância e a riqueza agrícola que detinha noutros tempos.

Com este estudo pretende-se fazer um breve enquadramento geográfico bem como uma caracterização genérica de toda esta região. Iremos abordar durante os seis capítulos temas que permitem conhecer melhor a sua população e povoamento bem como a estrutura das suas actividades económicas. Também será referenciado o património arqueológico do concelho, o Românico em Portugal e em particular no Vale do Sousa, de uma forma sucinta, definimos turismo cultural e património cultural, ressaltando a importância do turismo cultural como forma de conservar e explorar o património, e será feita uma referência à importância das tradições populares da freguesia de S. Pedro de Ferreira.

Tendo como objectivo a dinamização e promoção da Rota do Românico do Vale do Sousa o presente projecto pretende a animação e dinamização da Igreja de S. Pedro de Ferreira, uma vez que este monumento nacional tem um papel preponderante na medida em que é considerado pelos especialistas do românico, como a mais perfeita e equilibrada

construção do nosso Românico rural. Trata-se pois, de um exemplo típico de um estabelecimento eclesiástico de raiz agrária, que remonta ao último quartel do século XII e exerce particular fascínio não só para os visitantes mas também para os historiadores que apreciem a arte e a estética deste estilo artístico (Real, 1986).

Proceder-se-á à constituição de um Movimento Cultural Cívico, que visa preservar os valores e as tradições seculares da freguesia. Para atingir os objectivos a que nos propomos, será realizada uma pesquisa exploratória, nomeadamente, através de estudos já existentes, quer sobre o Vale do Sousa quer sobre o Românico.

Para o efeito, foi feito um pequeno historial sobre o Vale do Sousa, uma caracterização do concelho de Paços de Ferreira, da freguesia de Ferreira e ainda sobre a Igreja de S. Pedro de Ferreira.

Seguidamente foi realizado uma pesquisa descritiva junto dos Vereadores do Pelouro da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Paços de Ferreira (Anexo1), para recolha de informação pertinente para o projecto em causa, que serviu para clarificar a situação relativa à dinamização e da animação da Igreja. Pretendia-se ainda consultar o Pároco da respectiva freguesia de Ferreira, mas tal não foi possível devido a incompatibilidade de agenda.

Com base nos elementos anteriormente recolhidos, pensamos que é possível a viabilização de uma estrutura de apoio á Igreja que vise uma maior aproximação ao público, quer aos residentes quer aos visitantes.

Ainda neste âmbito, o presente projecto será proposta a criação de uma rota complementar para visitar a Igreja do Mosteiro de S. Pedro de Ferreira, a Citânia de Sanfins e o Dólmen de Lamoso, sendo estes dois últimos, importantes legados arqueológicos do concelho. Este percurso terá a duração de um dia, incluindo o almoço num restaurante típico, para dar a conhecer a gastronomia regional.

Capítulo II

O Vale do Sousa: Localização e Caracterização

2.1- Enquadramento do Vale do Sousa na Região Norte

De acordo com um estudo efectuado pela Associação de Municípios do Vale do Sousa (1984), pode dizer-se que as assimetrias “litoral/interior” potenciam e caracterizam um mosaico diferenciado da Região Norte,

Assim, é no litoral que se encontra em força o peso do sector industrial, a estrutura produtiva da região. O dinamismo do litoral assenta na sua tradição industrial, pequena agricultura como retaguarda e malha urbano-rural.

Verifica-se que no interior são detectados problemas de periferia e problemas de não aproveitamento de recursos endógenos. Assiste-se portanto a uma constante “sangria” demográfica, sobretudo de jovens e ao progressivo declínio da agricultura.

É entre estas posições antagónicas que surgem situações intermédias ou de transição, onde os potenciais de desenvolvimento são diferentes, sendo entre o litoral industrial e desenvolvido e o interior rural em que se posiciona o Vale do Sousa, de acordo com o estudo efectuado pela Associação de Municípios do Vale do Sousa, no âmbito da criação da Região de Turismo Terras de Sousa (1984).

2.2- Caracterização Genérica do Vale do Sousa

2.2.1-Situação Geográfica

Pode dizer-se que o Vale do Sousa está situado numa zona de transição entre a Área Metropolitana do Porto e o interior da Região Norte, sendo composto por seis municípios – Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel. Confina a Norte com o Vale do Ave, a Sul com o Entre Douro e Minho, a Oeste com a Área Metropolitana do Porto, e a Este com o Baixo Tâmega.

O concelho com maior área é Penafiel (213Km²), seguido de Paredes (153 km²), situando-se depois, os concelhos de Felgueiras e Lousada com áreas compreendidas entre os 100 Km² e os 120 km², e finalmente, Paços de Ferreira com 73 km².

O Vale do Sousa apresenta, do ponto de vista geomorfológico, um carácter muito diversificado, o que se traduz numa configuração paisagística bastante variada. No grande número de condicionantes de natureza geomorfológica interessa salientar as seguintes:

- As cristas quartzíticas de Valongo a SE (concelho de Paredes e Castelo de Paiva), pela sua importância e resistência ao desgaste;
- A separação dos concelhos de Penafiel e Castelo de Paiva através do trecho meandrizado do rio Douro;
- Os Vales encaixados dos Rios Sousa e Ferreira no atravessamento dos matérias do ordovívio e silúrico;
- Os granitos hercínios a montante dos condicionantes anteriormente referidos, no Vale do Sousa.

Relativamente ao clima, vemos que é ameno, com Invernos moderados e chuvosos e verões agradáveis e secos. A Primavera e o Outono são consideradas estações de transição bem demarcadas, e as características climáticas e proximidade do mar permitem, todo o ano, temperaturas moderadas.

Por todo o Vale do Sousa as magníficas paisagens das Terras Verdes, cobertas de ramadas de vinha a perder de vista, transformam a região na Rota dos Vinhos Verdes¹.

¹ www.valsousa.pt (site da Comunidade Urbana do Vale do Sousa).

2.2.2- População e Povoamento

A população do Vale do Sousa ronda 327.800 habitantes e tem uma densidade populacional de cerca de 427 habitantes por Km² (INE, censos 2001).

Através da análise dos referidos censos pode dizer-se que o Vale do Sousa tem evidenciado uma dinâmica populacional relativamente forte ao longo das últimas décadas o que lhe confere uma maior relevância no contexto nacional.

Os concelhos que apresentaram maior acréscimo populacional no que diz respeito ao Vale do Sousa, foram os de Paços de Ferreira e Paredes, com valores que rondam (+183%) e (+164%) respectivamente (INE, censos 2001).

Como consequência deste aumento populacional, de registar ainda que o Vale do Sousa regista uma elevada densidade populacional – 427,3 Hab. /Km², muito superior ao Tâmega (208.8 Hab. /Km²) e à região Norte (171.8 Hab. /Km²), (CCDRN, 2004).

2.2.3- Estrutura das Actividades Económicas

De referir que a indústria surge como a principal responsável na estrutura do emprego e da produção. Analisando os Censos de 2001 (INE, 2001), é o sector secundário que tem maior peso, seguindo-se o terciário e por último o primário.

No que diz respeito ao sector primário, a agricultura do Vale do Sousa caracteriza-se pela existência de explorações de pequena dimensão e extensão. O regime de cultura é a policultura tradicional, geralmente de forma intensiva, normalmente em regime de arrendamento. De mencionar ainda a existência da bovinicultura, a silvicultura e a vitivinicultura, (INE, 2001).

Verifica-se que a indústria transformadora é a actividade económica com mais significado e importância no Vale do Sousa.(INE, 2001).

O crescimento demográfico do Vale do Sousa tem sido acompanhado por um forte desenvolvimento industrial, económico e social: indústrias modernas e dinâmicas, essencialmente vocacionadas para a exportação de qualidade, com especial destaque para o

têxtil, calçado, mobiliário, vinhos verdes e granitos, absorvem a mão de obra local e são importante fonte de rendimento para a região e para o país (Valsousa, 2005).

Concluindo, o Vale do Sousa é talvez mais conhecido, nacional e internacionalmente, por ser a Capital do Móvel e do Calçado (onde predomina o sector secundário), apresentando no geral baixas taxas de desemprego e bons índices de poder de compra per capita.

2.3- O Concelho de Paços de Ferreira

Paços de Ferreira situa-se na vertente claramente inclinada para o Douro, a fazer contraste com outra vertente da área vulgarmente denominada por Entre-Douro e Minho, que vai deslizando para a orla marítima. A norte está a serra da Cabreira, serra que se prolonga para sul em subserras, como que a indicar o caminho aos muitos rios e cursos de água até ao vale do Tâmega. O clima é ameno e mais uniforme que nas restantes regiões do país, só apresentando piques mais altos em curtos períodos do Verão (Pereira, 1984).

O concelho de Paços de Ferreira possui a área de 70 km² (2) e apresenta-se repartido administrativamente em dezasseis freguesias tendo área de 7 270 hectares e uma população que ronda os 55.830 habitantes (censos INE, 2001), é um concelho recente cuja criação remonta a 6 de Novembro de 1836 no âmbito da Reforma Administrativa da Rainha D. Maria II, data que é comemorada anualmente como feriado municipal. Confronta a Norte e a Oeste com o concelho de Santo Tirso, a Sul com os de Valongo e de Paredes e a Este com o de Lousada.

De acordo com o Despacho Normativo de criação das «Regiões Plano»³, o concelho de Paços de Ferreira, juntamente com os de Penafiel, Paredes, Felgueiras, Lousada e Castelo de Paiva, constitui o agrupamento de concelhos do «Vale do Sousa». É conhecido internacionalmente pela sua pujante indústria do mobiliário que lhe valeu o cognome de Capital do Móvel em Portugal.

Com a industrialização das últimas décadas, o sector agrícola foi diminuindo de importância. Contudo, em todas as freguesias produzem-se, entre outros produtos, os excelentes vinhos verdes.

² Direcção-geral da Administração Local – Administração Local em Números, 1984, Publicação da Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, 1984, p.14

³ Despacho Normativo N° 389/79, de 31 de Dezembro; cria as «Regiões Plano e Agrupamentos de Concelhos».

O seu património histórico-cultural é rico e diversificado. A cultura castreja está representada na famosa Citânia de Sanfins, com uma área amuralhada de 15 hectares, datada do século II A.C., uma das mais conhecidas povoações proto-históricas de Portugal. O rico espólio proveniente da Citânia está reunido num interessante museu arqueológico instalado num belo solar setecentista restaurado (Solar dos Brandões), nos arredores da vila. Dois curiosos núcleos megalíticos (Lamoso e Frazão-Seroa) merecem também uma visita (Silva, R. 1986).

Paço de Ferreira faz ainda parte da ROTA DO ROMÂNICO DO VALE DO SOUSA, exclusivamente pela magnífica Igreja de S. Pedro de Ferreira, antigo mosteiro e hoje monumento nacional. Outras igrejas, capelas e casas solarengas são dignas de apreciar, pelo seu importante valor arquitectónico.

O seu património etnográfico, folclórico e musical é igualmente rico e diverso. As festas e romarias sucedem-se, ao longo do ano, pelas diversas freguesias, acompanhadas por ricas tradições culinárias e gastronómicas que as mulheres pacenses vão transmitindo de geração em geração. Justamente famosa, por ser única no país, a Feira dos Capões é celebrada anualmente no dia de Santa Luzia (13 de Dezembro), na vila de Freamunde, e atrai milhares de forasteiros de todo o Norte do país.

2.3.1 – Freguesia de S. Pedro de Ferreira

A freguesia de São Pedro de Ferreira atesta um período fundamental na história cultural do concelho aquela em que os emigrantes povoadores, vindos do Norte asturiano e também da zona do Mondego, fugidos a Almançor, aqui encontraram terras férteis e relativamente livres, onde refazer um habitat rural que por definitivo marcou o futuro da região (Silva, R.1986).

O “ex-libris” é seguramente a sua **Igreja de São Pedro**, como exemplar que é do românico rural português e o mais importante monumento do século XII em Portugal.

As origens do povoamento devem por certo ser anteriores e ligar-se com a convergência de técnicas e culturas avançadas. Anterior ao actual mosteiro seria um templo de que algumas pedras empregues posteriormente na construção dão ainda testemunho.

«Ferreira é vagamente citada quando, em meados do século X, Mumadona faz doação ao mosteiro de Guimarães de terras “inferreira”, onde teria também uma “ecclesia vucabulo sancto petro”. Nada se conhece desse que imaginamos pequeno e simples templo.

Posteriormente, parte pelo menos do que hoje é Ferreira foi incorporada na mitra episcopal do Porto, para renda de cónegos (1195). D. Manuel concedeu carta constitutiva de foral a Ferreira em 1514.

Mas em 1258, e pelas inquirições, Ferreira é dita como terra de militares – entenda-se aqui o termo “milites” como querendo significar alguém da classe dos cavaleiros. O mosteiro foi por certo extinto e, como pertença de cónegos, passou a colegiada.

Parte ou partes das suas propriedades devem, entretanto, ter continuado na posse de gente nobre da região – infanções e cavaleiros-, pois, em 1302, uma tal D. Berengária Alves fez doação duma importante fortuna ao bispado do Porto, na qual incluía “os seus casais, quintas, lugares e rendimentos” que tinha no mosteiro.

A ligação definitiva à mitra do Porto foi confirmada “in perpetuum” por bula papal de 1475, incluindo igreja, mosteiro e couto, com inerentes propriedades.

Em 1549, João de Barros na sua «Geografia», escreve que “acima de Lordelo está o Mosteiro de Ferreira que há pouco se lhe anexou e é casa e mosteiro nobre, que tem raçoeiros e tem cada um trinta mil réis e valerá por tudo quinhentos mil réis”» (Dinis, 1985).

O couto de Ferreira é sempre identificado como isento de mordomo e autoridade régia nas documentações de inquirição. Dele se diz que foi estabelecido por padrões. Compreendia não só a freguesia de S. Pedro com o seu mosteiro, mas uma vasta área por toda a chã de Ferreira. Só S. Martinho de Frazão fazia excepção, ao pertencer ao julgado de Refojos, enquanto quase todo o actual concelho de Paços de Ferreira pertencia ao julgado de Aguiar de Sousa.

Na sua vasta zona de influência (que chegou a terras de Santa Maria da Feira, por via da Igreja de Válega), o mosteiro foi certamente responsável por algumas inovações tecnológicas e pelo incremento da produção agrícola. Difundiu instrumentos novos de ferro e o moinho hidráulico. Isto permitia desbravar cada vez mais terras e aproveitar com maior rendibilidade a mão-de-obra. Nas terras englobadas, aumentou seguramente a produção agrícola e o comércio dos produtos para a grande cidade do Porto. Ora, é justamente num período de desafogo económico que se inicia a construção do templo actual. A construção foi rápida, é homogénea e, aparentemente, nada se poupou em técnicas, materiais e grandes mestres de renome» (Real, 1986).

A população actual da freguesia andarรก pelos 4100 habitante⁴. Ferreira é uma das mais importantes freguesias de concelho. Forma um tri芒ngulo de desenvolvimento com Paços e Freamunde. Representa 7,5% da populaçŁo total do concelho com os seus 4100 habitantes.

A agricultura tem ainda uma expressŁo significativa, na sua grande parte sŁo exploraçŁes familiares de pequena área (73% inferior a 1ha).

A indústria é a principal fonte de emprego e rendimento da populaçŁo de Ferreira. Cerca de 1100 pessoas trabalham no sector. O sector   pujante e está enraizado, contribuindo com cerca de 12% para o somatório industrial concelhio.

Comércio e serviços, geram quase 11% do emprego. De natureza social, 47%, a denotar a importância dos equipamentos afins. A indústria induz a criaçŁo de 53% de emprego nos serviços.

A evoluçŁo demográfica de Ferreira tem sido e é positiva. Regista um importante crescimento relativo.

Para além do já referido, do património a cuidar em Ferreira merece mençŁo a **Casa e portŁo dos Pachecos (séc. XVIII), o conjunto rural em Moinhos de Baixo, o conjunto rural em Quintela e a Capela de Sant'liago.**

⁴ Juntas de Freguesia, publicado na «Revista Portugal Local», 1, n 2, 2000, p.15-31.

Capítulo III

Breve Caracterização do Património

3.1- O Românico em Portugal

Pode dizer-se que é através da sua arquitectura militar, de castelos que foram sendo construídos de forma a consolidar o poder do território na reconquista e afirmação do reino, de catedrais como forma de consolidação da fé cristã ao longo do território português e de mosteiros que se foram espalhando por esse mesmo território e que o ajudaram a povoar e organizar defendendo-o e estruturando-o, que o Românico em Portugal se pode avaliar (Almeida, 1971).

A história dos mosteiros é também a história das ordens e congregações religiosas que lhes deram origem, tais como, os beneditinos cluniceses, cónegos regrantes de Santo Agostinho, os cistercienses e premonstratenses e finalmente mas não menos importantes as ordens militares e religiosas como sejam os templários e hospitalários (Almeida, 1967-71).

Justifica-se afirmação que a arquitectura é o principal legado do românico no período que vai do século XI ao século XIII. No entanto, a sua escultura desempenhou ainda um papel crucial no ponto de vista ornamental e simbólico, transcrevendo para a pedra – desde o duro granito do Norte ao dúctil calcário de Coimbra e Lisboa – as mensagens principais das escrituras (Barreira, s/d).

Como forma de finalizar esta breve abordagem do Românico em Portugal, de destacar ainda a importância da sedução sensorial do ritual, nomeadamente o eucarístico, em que as alfaias agrícolas desempenhavam um papel fundamental, através das suas cruzes processionais, cálices, báculos ou relicários, que com ofuscavam com o seu esplendor e ainda os brilhos dos metais e gemas preciosas

3.2 - O Românico no Vale do Sousa

É a partir da evolução de alguns grupos sociais que a história do Vale do Sousa tem que ser lida tendo em conta a história da nobreza portuguesa e das ordens religiosas.

É na Idade Média que os seus concelhos surgem como domínios da nobreza (honras) ou das ordens religiosas (coutos), e pode-se afirmar que esta região deve a sua importância e crescimento ao facto de estar ligada desde o século X, aos senhores de Riba Douro (Paço de Sousa) e aos Sousas (Pombeiro), duas das cinco famílias que constituíam a primeira nobreza portuguesa, segundo o Livro Velho de Linhagens de D.Pedro (Mattoso, 1981).

A importância e a riqueza agrícola desta região reflecte-se no número significativo de construções monásticas existentes bem como o seu evidente crescimento demográfico que deram origem a frequentes patrocínios da nobreza local aos institutos religiosos, nomeadamente em Cête, Pombeiro ou S. Pedro de Ferreira, que em tempos albergaram estruturas funerárias significativas.

De destacar que o mais importante de todos os mosteiros da região terá sido o de São Salvador de Paço de Sousa que contou com o patrocínio de uma das mais importantes figuras do Reino, o aio de Afonso Henriques, Egas Moniz. Em vida doou avultadas somas ao mosteiro e no seu testamento contribuiu de forma generosa para a sua construção e manutenção na condição de aí ser construído um panteão familiar que tivesse a arca tumular conjugal onde repousa com sua esposa (Ader-Sousa, 2004).

De salientar que a estrutura funerária já não existe, mas pode ainda ser apreciado o sarcófago no interior do templo que é considerado uma das mais interessantes peças da escultura do românico em Portugal.

De grande importância é o Mosteiro beneditino de Pombeiro de Ribavizela, umas das mais ricas casas monásticas de todo o Noroeste Peninsular que mantém ainda os volumes e a imponência do edifício românico, muito alterado a partir do século XIII (Ader-Sousa, 2004).

Ainda de mencionar que num quadro cultural e mental onde impera a ruralidade se pode destacar a importância de numerosos cenóbios rurais - como S. Pedro de Ferreira, S. Vicente de Sousa ou S. Pedro de Cête - de reduzidas dimensões e comunidades monásticas limitadas, que se tornaram vitais na ocupação, povoamento, defesa e organização económico-social do território (Ader-Sousa, 2004).

Há, no entanto, ainda outros cenóbios menos importantes, mas com bastante significado do ponto de vista artístico, como seja, os de Unhão, Airães, S. Gens de Boelhe ou Cabeça Santa, Abragão; S.Mamede de Vila Verde, Meinedo e Aveleda (Ader-Sousa, 2004)

Um pouco mais tardias, mas são de referir: a Igreja de S. Miguel de Eja e a Ermida de Nossa Senhora do Vale, de Cête.

Não menos importante, de salientar a existência de objectos patrimoniais não religiosos que integram esta rota, como os de carácter militar e de afirmação senhorial – Torres de Vilar e de Aguiar de Sousa, - os de carácter funerário – Memorial da Ermida e Monumento Funerário de Sobrado - e os de ligação aos eixos viários da região – pontes de Vilela e do Espindo (Ader-Sousa, 2004).

3.3 - IGREJA DE S. PEDRO DE FERREIRA – MONUMENTO ROMÂNICO

Encaixado no vale superior do rio Ferreira, o «mosteiro» de S. Pedro constituía na Idade Média o exemplo típico de um estabelecimento eclesiástico de raiz agrária. A sua igreja ergue-se ainda hoje, altaneira, na orla de uma fértil planura, sobre a qual, durante séculos, tem exercido função tutelar.

Já na época romana haveria aí uma unidade de exploração agrícola, a partir da qual se desenvolveu uma pequena vila alto-mediévia. Tratava-se de um fenómeno vulgar durante o período da Reconquista Cristã e com grande expressão logo a partir do século IX.

A fundação do Mosteiro de Ferreira é citada desde os meados do século X « in Vimarani Monumenta Histórica, parte I, em que no seu célebre testamento, Mumadodona doou ao Mosteiro de Guimarães tudo «quantum nobis incartavit Silimiro et recemundo *in ferreira*» . Trata-se de uma parte do documento em que a condessa enumera as suas doações entre os rios Ave e Tâmega. Na relação de bens do mosteiro de Guimarães aparecem, entre outros, os seguintes assentos: «*Et in ferraria villa palatios* ab integro per suis terminis et locis antiquist et cum suas 9adiuntiones et *ecclesia sancte eolalie virginis* et cum cunctis prestationibus suis. Et hic *in ferraria villa gondesindi* cum suas adiuntiones et *ecclesia uocabulo sancto petro* et cunctis prestationibus suis de hanc villa cum totó suo debito medietate integra post parte ...»

Pelo conteúdo destas notícias, constata-se que os bens de Mumadona haviam já sido adquiridos a terceiros, sendo a sua existência, portanto, bastante anterior a 959. No legado feito ao mosteiro de Guimarães, em nome da sua filha Onega Dias, Mumadona declara que possuía metade dos direitos sobre o padroado da igreja de S. Pedro, segundo o estudo de Manuel Luís Real, sobre a Igreja de S. Pedro de Ferreira (1986).⁵

Apesar do desconhecimento que rodeia a sua fundação, pode afirmar-se sem receio que a igreja, nos seus primeiros tempos esteve na dependência de importantes famílias da região. A piedosa doação ao mosteiro de Guimarães é disso testemunha. Posteriormente, mas conservando talvez parte do padroado laico, ela transitou para a posse de Igreja portuense. Em 1195, na divisão das rendas entre o Bispo e o Cabido, a igreja vem já citada na parte correspondente aos cónegos.

Existe uma série de indícios que leva a concluir que o mosteiro foi extinto, bastante cedo, transformado em colegiada. Isto aconteceu, decerto por influência do Cabido da Sé do Porto, ao qual a igreja esteve ligada desde o século XII. Confirmando tal suposição encontramos, 1294 por exemplo, a referência a um cónego do mosteiro de Ferreira, Pedro Martins. No século XIV e XV os documentos são cada vez mais explícitos, mencionando-a como «Paroquial igreja colegiada» (Monteiro, 1954).

O facto de S. Pedro de Ferreira ter passado a estar ligada á Igreja portuense, não significa que se tenha libertado completamente da tutela de cavaleiros e infanções, sempre ávidos no recebimento de benefícios inerentes ao direito de padroado. Só assim se compreende que, em 1302, D. Berengaria Aires tenha podido doar ao Bispo do Porto os direitos que detinha no «mosteiro», com todos os seus casais, quintas, lugares e rendimentos. O direito de propriedade da Mitra é testemunhado por uma carta de confirmação de Afonso IV e consolida-se em 1475, quando o Papa Sisto IV uniu à mesa episcopal, *in perpetuum*, a igreja, mosteiro e couto, com todas as propriedades adjacentes (Monteiro, 1954).

A actual igreja remonta ao último quartel do século XII, tendo sido edificada rapidamente e em condições, tanto técnicas, como materiais, que se podem considerar raras no seu tempo. O nartex é um pouco posterior, se bem que, pela sua sobriedade e excelente acabamento, esteja em perfeita harmonia com o templo⁶, o átrio coberto constituía uma zona reservada, por excelência, aos enterramentos pios e ao culto dos defuntos.

⁵ Real, Manuel Luís , (1986), A Igreja de S. Pedro de Ferreira, Paços de Ferreira.

⁶ Sobre a construção românica podem-se consultar entre outros, os seguintes estudos: Barreiros, Manuel Aguiar.(1926), A Igreja românica de S. Pedro de Ferreira, Ilustração Moderna, 1, Porto, P. 6-35; A Igreja de S. Pedro de Ferreira.(1937). Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 7, SI., Mar.

A unidade arquitectónica e o rigor plástico desta obra são de tal natureza que levam a crer que ela tenha decorrido numa situação de certo desafogo financeiro. Do ponto de vista estilístico, a igreja de S. Pedro de Ferreira será talvez a mais perfeita e equilibrada construção do nosso românico rural. Não obstante isso, ela constituirá um caso singular (senão único) onde, por detrás de uma clara harmonia de linhas e irrepreensível coerência dos elementos arquitectónicos e plásticos, se consegue detectar a mão de três artistas formados em regiões bem distintas entre si, provenientes dos ateliers catedrálcios de Zamora, de Coimbra e do Porto, e de uma escola local. Trabalhando lado a lado, estes souberam criar uma obra coesa e inteiramente original.

O templo apresenta uma estrutura relativamente simples, embora sobressaia por uma certa ousadia construtiva e pela qualidade dos efeitos arquitectónicos. Entre as igrejas de uma só nave, S. Pedro de Ferreira será mesma a mais monumental e, passe a expressão, aquela que evidencia a planta mais complexa (**fig.1** – fonte: DGEMH).

A igreja é de uma só nave, com cobertura em madeira, que se divide em quatro tramos, sublinhados pelas colunas e botaréis de reforço às paredes laterais. A cabeceira da igreja ou ábside, a que dá entrada a um arco triunfal de excepcional altura, é muito original por ser externamente semicircular e ter adoptado uma forma poligonal no interior, tornando-se surpreendentemente grandiosa. A cobertura da capela-mor é abobadada e apresenta o espaço dividido em dois andares muito nítidos nas suas formas e volumetria, com uma fiada de cinco nichos, sendo os dois laterais rematados em arco mitraico encimados por três formosíssimas frestas intervaladas por duas falsas janelas (Real, 1986).

Todo o templo, pelo lado exterior, é cintado por uma esbelta cornija de arcaturas, cujo ritmo se prolonga visualmente na fachada deste, através da cadenciada sucessão dos lóbulos do portal.

Quanto aos portais, são três⁷. Os portais laterais são simétricos, situam-se no segundo tramo da nave, sendo o lado Sul mais rico com três arquivoltas e o do Norte com duas apenas. O portal principal tem cinco arquivoltas, das quais as quatro interiores assentes em colunas capitelizadas, de realçar o corpo saliente rematado por um gabelete. A sua decoração é bastante original com as arquivoltas ondeadas decoradas por uma teoria de motivos circulares, trepanados, que provocam um efeito único. Acima do telhado do nartex vê-se uma parede nua, onde se destaca uma pequena fresta da nave.

⁷ Pereira, Arménio Assunção, (1984), Paços de Ferreira – Textos e Imagens sobre o Concelho. Paços de Ferreira, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Dez.

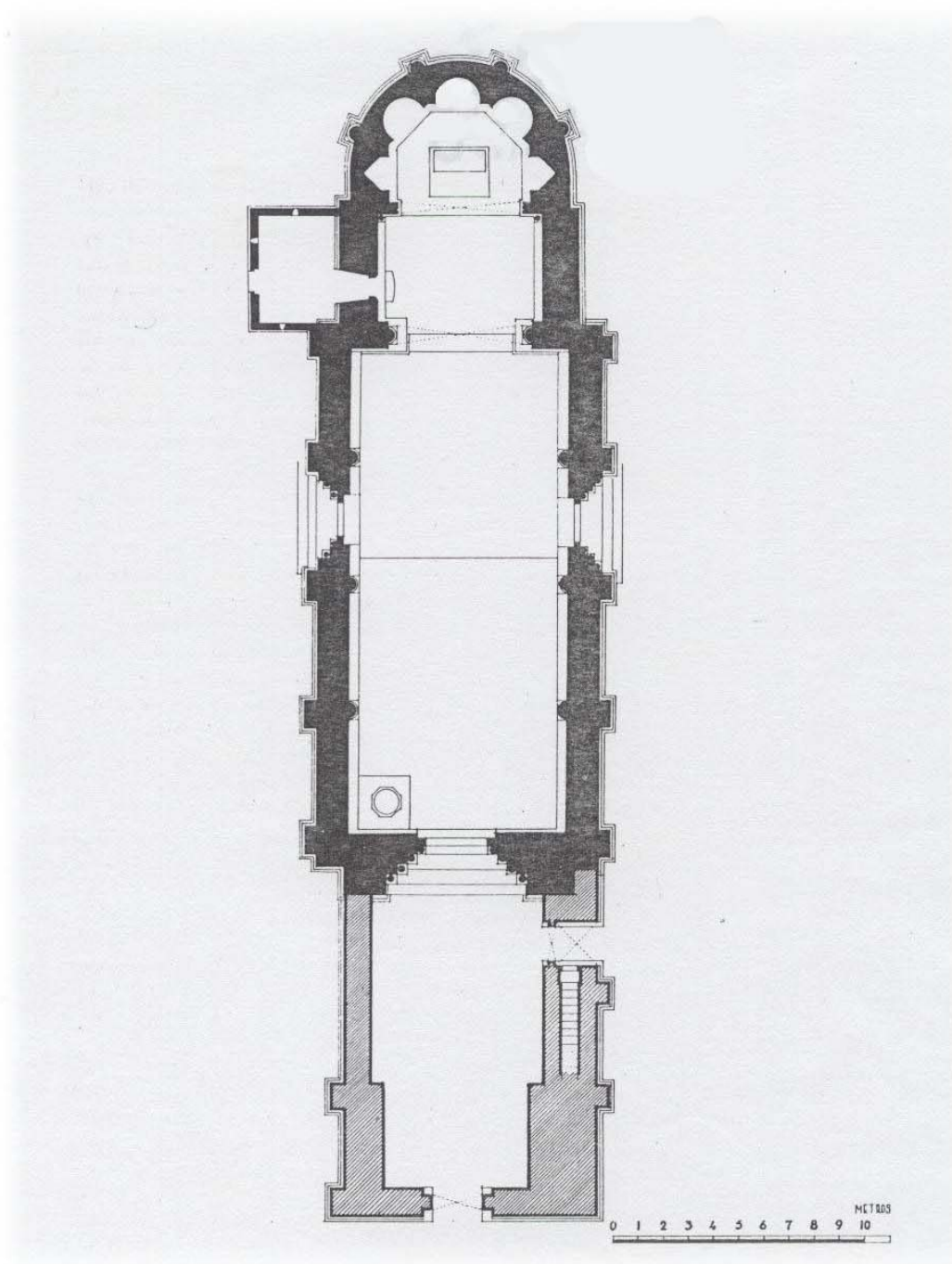


Fig. 1 - Planta da Igreja de S. Pedro de Ferreira
(Fonte: DGEHM 1937)

Os motivos ornamentais são distribuídos com estudada disciplina, pontuados nas bases das colunas e nos capitéis. Há um predomínio de elementos vegetalistas e geométricos, de marcada influência de Paço de Sousa, de que se destacam os entrançados do portal principal, nos capitéis da Capela-Mor – os exteriores e as frestas - bem como nos enxaquetados das bases das colunas exteriores da ousia.

Os capitéis do portal principal, com quadrúpedes afrontados de cabeça comum ou aves de pescoço entrelaçado. Mas o capitel mais interessante situa-se no interior da Capela-Mor e que mostra um grupo de músicos e saltimbancos em plena actuação, com paralelo aos de Rio Mau ou de Ganfei (Barreiros, 1926).

De destacar, também, as cruces exteriores vazadas sobre as empenas encimando a fachada e a Capela-Mor, sendo esta última bastante invulgar. È uma cruz de braços quadrifolares, enlaçados num aro circular.

Da igreja de Ferreira, são ainda de salientar a pia baptismal manuelina, com armas de D. Diogo de Sousa, bispo do Porto entre 1496 e 1503, e uma bela imagem do patrono do templo o apóstolo S. Pedro, tardo-gótica mas de grande beleza, representando o Santo entronizado, com a mitra e segurando os seus atributo.

3.4 - Património Arqueológico

3.4.1 - Património Arqueológico e Natural de Paços de Ferreira

Na freguesia de Sanfins, encontra-se o Penedo de Bouça de Fervenças e, a inscrição nele gravado data da época da Romanização, foi classificado, bem como o lugar da mesma, como imóvel de interesse público pelo Decreto de 17/04/1953.

O pelourinho de Paços de Ferreira situa-se em frente do museu Municipal. Trata-se de um imóvel de interesse público, Classificado pelo Decreto de 17/04/1953.

A Igreja do mosteiro de S. Pedro de Ferreira é uma construção do século XII-XIII e parte importante do Mosteiro de Ferreira. Trata-se de um templo de boa fábrica românica, com uma arquitectura de singular beleza, conjuntamente com a paisagem envolvente.

O Mosteiro de S. Pedro de Ferreira, Mosteiro de Ferreira como é mais conhecido, foi declarado monumento Nacional pelo Decreto de 03/02/1928.

O Museu Arqueológico, junto à Citânia de Sanfins, e pelas aporções que dele se inferem para a história do povoamento da região, tem sido justamente considerado um «ex-libris» de Paços de Ferreira e um centro de cultura viva.

A Igreja de Carvalhosa, construída no reinado dos Filipes, é única em Portugal já que possui duas naves interiores exactamente iguais, impossível por isso de distinguir qual a principal.

A Igreja Paroquial e o sue Calvário, na freguesia de Codessos do património a conservar, já que apesar de ter sido remodelada, tem ainda património que vale a pena visitar.

De especial importância, salienta-se a Igreja Paroquial de Eiriz, tanto pela sua construção mas mais ainda pelo seu recheio.

A Árvore de Jessé, também situada em Carvalhosa, é a maior do país, sendo revestida de grande importância, já que como ela só existem mais três em Portugal.

No Monte Coração de Jesus em Freamunde, é observável a linda paisagem de grande parte do Vale do Sousa.

A Serra do Pilar, lugar bastante utilizado para o lazer, de onde se pode contemplar a bela paisagem do concelho.

Na Freguesia de Codessos, situa-se um dos mais belos lugares a nível panorâmico, o Alto da Senhora do Socorro.

3.4.2 - O Dólmen de Lamoso

O dólmen é um monumento de que restam poucos vestígios em Paços de Ferreira. Resulta este monumento duma específica concepção da relação dos mortos com a vida e com os acontecimentos do dia-a-dia.

Pertencem assim à esfera da religiosidade e traduzem o mundo de crenças dos nossos antepassados. Representam uma necessidade de protecção, não já e apenas para circunstâncias imediatas, como uma caçada ou um combate, mas mais alargada, em benefício duradouro, para a fecundidade de homens e rebanhos e para a fertilidade da terra na incerta espera das culturas. Trata-se duma dependência a longo prazo, a originar uma continuidade de crenças mais estável e duradoira.

A linguagem popular designa estes monumentos por mamoads, arcas, orcas, mamocelos, etc. A sua construção é aqui mais simples que em outros pontos da Península, constando de algumas lajes erguidas e dispostas como esteios, formando uma câmara rectangular ou

poligonal, fechada ou aberta. Alguns possuem uma espécie de corredor ou galeria orientada para nascente – é o caso do **dólmen de Lamoso**⁸ –, denunciando uma forma mais elaborada.

O dólmen de Lamoso tem câmara poligonal assente em 9 esteios, uma tampa de cobertura e um corredor longo (3 metros por 0,85/1,05/0,67 de largo), formado por 8 esteios, quatro de cada lado e também parte coberto⁹.

O espólio que foi possível recuperar é constituído por um machado de pedra polida, uma lâmina de sílex (exposto no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), uma enxó (exposta no Museu de Sanfins), fragmentos de mós manuais, fragmentos de cerâmica de épocas distintas.

3.4.3 – Citânia de Sanfins, uma Cividade

A Citânia de Sanfins é uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste Peninsular e da Proto-História europeia.

A vasta panorâmica, que dela se abrange sobre todo o Entre-Douro-e-Minho, terá sido factor estratégico determinante do desenvolvimento deste importante povoado, conferindo-lhe uma posição de lugar central no quadro da rede de povoamento regional¹⁰.

Com escavações sistemáticas iniciadas em 1944, a zona descoberta mostra um forte sistema defensivo, de várias ordens de muralhas, que envolve uma área superior a 15 hectares, e uma apreciável organização proto-urbana de estrutura regular com arruamentos ortogonais e mais de centena e meia de construções agrupadas em cerca de quarenta conjuntos de unidades domésticas.

De referir que grande parte do seu espólio se encontra recolhido e exposto no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, num edifício barroco, conhecido por Casa da Igreja ou Solar dos Brandões, constituindo, com a antiga igreja e a residência paroquial, um conjunto arquitectónico de interesse histórico local (Pereira, 1984).

⁸ Paços de Ferreira - História para um Guerreiro, (1995), Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira, p. 11. Ed. Anégia.

⁹Silva, Armando Coelho Ferreira da, (1986), As origens do povoamento: do megalitismo à romanização. Paços de Ferreira. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, p. 97.

¹⁰ Pelourinho, (1997) Educação, Cultura e Turismo, Paços de Ferreira, p. 10. Pelourinho – Boletim Municipal.

Fundado em 18 de Outubro de 1947, ocupando uma sala disponibilizada pelos proprietários do solar, foi solenemente inaugurada em 14 de Janeiro de 1984, após aquisição de todo o conjunto pela Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Em área própria, funciona o Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos¹¹ como unidade de investigação, divulgação científica e intervenção cultural, com o objectivo de enquadrar os estudos sobre a cultura castreja no quadro das etnias e culturas da Proto-História europeia, com referência principal à problemática da celtização.

A exposição permanente mostra o espólio das escavações da Citânia, com ocupação durante cerca de 1000 anos a partir da segunda metade do primeiro milénio a.C., e os materiais arqueológicos recolhidos na área do concelho de Paços de Ferreira, documentando inúmeros vestígios das comunidades implantadas na região desde o Neolítico.

A Citânia de Sanfins pela importância dos seus vestígios da cultura castreja é candidata a **Património Mundial**.

¹¹ Idem

Capítulo IV

Perspectivas do Turismo Cultural

4.1- Turismo, Cultura e Turismo Cultural

Segundo Fernandez e Haulot (1977), a palavra *tour* é possivelmente de origem hebraica. Ela aparece no Livro dos Números (Cap. 12, vers.17), na passagem em que Moisés envia um grupo de representantes a Canaã para conseguir informações sobre aquele lugar, significando “viagem de descoberta”.

Por sua vez, a actividade turística foi criada pelos ingleses no século XIX, como alternativa de descanso longe da agitação das grandes cidades. Nos meados desse século, uma grande parte da população inglesa já era urbana e os moradores das cidades sonhavam com uma casa no campo, cercada de flores e de tranquilidade. Fazer turismo significava excursionar para o campo ou para a praia, como forma de descansar e escapar do corre-corre das grandes cidades.

Mas isso não era para qualquer um. Os nobres por exemplo, que dispunham da mais tempo livre, tinham os seus locais e períodos preferidos. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da indústria naval permitiu que os turistas europeus ganhassem os mares. Sumptuosos navios passaram a cruzar o Mediterrâneo e o Atlântico em grandes tours à África e à América.

Nas primeiras décadas do século XX, com a aprovação de leis que criaram as férias remuneradas, um maior número de europeus passou a viajar.

Actualmente, o turismo está entre as actividades económicas que mais cresceram desde o final da Segunda Grande Guerra. O turismo nos anos 90, segundo WTO (2001), foi um mercado que movimentou a nível mundial cerca de US\$ 3.5 triliões, representando 5,5% do PIB mundial e empregando mais de 130 milhões de pessoas em actividades directa ou indirectamente ligadas ao turismo visando atender a um fluxo médio de 600 milhões de turistas que circulam pelo mundo anualmente.

Os principais pólos do turismo internacional são os países europeus e os Estados Unidos, que registam 75% do total de saídas e chegadas de turistas que circulam entre os países. As populações da Europa e dos Estados Unidos, com poder aquisitivo mais elevado, são as que mais viajam. Os europeus destacam-se nas estatísticas internacionais pelo grande movimento turístico entre os países do próprio continente. O número de turistas que entra e que sai do continente também é o maior do mundo. Isso porque as cidades europeias apresentam uma grande variedade de estilos arquitectónicos, museus, jardins, parques, praças e monumentos históricos, que constituem fortes atractivos turísticos culturais.

Por sua vez, segundo Santos (1987), poucos termos ou expressões apresentam tantas definições ou significados quanto *cultura*. Do latim *colere*, “cultivar”, o termo adquiriu, na sua acepção mais ampla, o significado da obra humana. No sentido mais restrito, diz respeito às manifestações artísticas (como a pintura e o retrato), às festas, lendas e crenças tradicionais e até mesmo à ilustração e formação escolar de uma pessoa. Neste último caso, considera-se cultura o acumular de conhecimentos que têm prestígio no mundo moderno.

O significado de cultura começou a preocupar os homens – em especial, os ocidentais – quando, por meio da expansão marítimo comercial do século XVI, verificaram-se grandes diferenças entre os grupos humanos dos vários continentes. A ideia de cultura ganhou, então, o sido mais rigoroso e antropológico, relacionando os aspectos do modo de vida de um grupo, sociedade, povo ou nação.

Dentro de um conceito mais amplo e abrangente de cultura, entendido como todo o sistema interdependente de actividades humanas na sua dinâmica, deve-se considerar os bens móveis e imóveis impregnados de valor histórico e/ou artísticos, mas também toda uma gama importantíssima de comportamentos, de fazeres, de formas de percepção inseridos na dinâmica do quotidiano. Cultura, portanto, segundo Funarte (1983): “ é vista como um processo global em que não se separam as condições do meio ambiente daquelas do fazer do homem, em que não se deve privilegiar o produto – habitação, templo, artefacto, dança, canto, palavra – em detrimento das condições históricas, socio-económicas, étnicas e do espaço ecológico em que tal produto se encontra inserido e principalmente do homem, seu criador.

Nesse processo, destacam-se alguns bens culturais – aqueles fortemente impregnados de valor simbólico e continuamente reiterados – ao lado de outros, manifestações em processo que se constituem em evidências da dinâmica cultural. E é na interacção entre os contextos que elegem e desenvolvem esses bens que se instaura a tensão criadora que impulsiona o processo cultural.”

Apesar do esforço dos povos para manter os seus traços culturais originais, nas chamadas sociedades modernas a dimensão cultural mudou de significado e sofreu interferências de outras fontes, particularmente no século XX. No mundo moderno capitalista pode-se, não a produzida espontaneamente pela sociedade, mas elaborada conforme critérios de mercado. Poderíamos, talvez, falar no estabelecimento de uma indústria cultural, não no sentido convencional, mas no da elaboração em massa de produtos culturais.

Ao mesmo tempo a partir da década de 1960, começa a tomar forma o *turismo de massas*, tal como o conhecemos hoje. Com ele, os turistas transformam-se em consumidores de pacotes vendidos por agências de viagem. Passagens aéreas, refeições, hotéis, ingressos para espectáculos e de museus, tudo passou a ser minuciosamente planeado e comprado com antecedência.

O turismo generalizou-se nas sociedades modernas como um serviço de consumo, pois é uma mercadoria como outra qualquer. Só que o bem a ser consumido é o lugar a ser visitado, a sua natureza, o seu povo, e a sua cultura *diferente*.

O forte crescimento da actividade turística, principalmente a nível internacional, foi possível graças à evolução dos meios de transporte, que diminuiu o tempo das viagens, e dos meios de comunicação, que agilizou o contacto entre as diversas regiões do mundo permitindo às pessoas tomarem conhecimento de muitos países, despertando nelas o desejo de conhecê-los.

O património natural e cultural, a diversidade e as culturas vivas constituem os maiores atractivos turísticos, entretanto como alerta o ICOMOS (2001), na Carta Internacional sobre o Turismo Cultural:

“El turismo excesivo o mal gestionado con cortedad de miras, así como el turismo considerado como simple crecimiento, pueden poner en peligro la naturaleza física del patrimonio natural y cultural, su integridad y sus características identificativas. El entorno ecológico, la cultura y los estilos de vida das comunidades anfitrionas, se pueden degradar al mismo tiempo que la propia experiencias el visitantes.

El turismo debería aportar beneficios a la comunidad anfitriona y proporcionar importantes medios y motivaciones para cuidar y mantener su patrimonio y sus tradiciones vivas. Con el compromiso y la cooperación entre los representantes locales y/o las comunidades indígenas, los conservacionistas, los operadores turísticos, los propietarios, los responsables políticos, los responsables de elaborar planes nacionales de desarrollo y los gestores de los sitios, se puede llegar a una industria sostenible del Turismo y aumentar la protección sobre los recursos del patrimonio en beneficio de las futuras generaciones.”

Neste sentido, o tema da cultura e do turismo cultural tem em Portugal uma grande relevância, uma vez que a diversidade cultural está na base das acções e manifestações individuais e colectivas do nosso quotidiano.

Portugal é uma amálgama de culturas múltiplas, e dela construiu a sua identidade. Partindo dessa diversidade, de culturas múltiplas, o povo português sempre soube renovar a sua expressão sem perder as suas raízes. E o resultado é termos hoje, como sempre uma cultura aberta, que recebe e assimila influências sem perder em nenhum momento o seu eixo. Portanto, apesar da homogeneização cultural ser cada vez mais acentuada, fruto do intenso processo de globalização, e, diante do grande perigo da imposição de um só modelo cultural, diante do auge das propostas de massificação, de uniformização das expressões artísticas, o que surge, reforçada e espontânea, é a afirmação das identidades culturais dos povos. É como se, para participar de algo colectivo, se fortalecesse o individual, mantendo-se, assim, certos signos culturais diferenciadores.

Neste sentido, podemos concluir que a cultura popular não é única, e sim várias.

4.2 – O turismo cultural – património e identidade

O património histórico-cultural de um país, região ou cidade é constituído por todos aqueles elementos e manifestações tangíveis e intangíveis produzidas pelas sociedades, resultado de um processo histórico, que identificam e diferenciam esse país ou região.

Um conceito mais moderno de património cultural inclui não só os monumentos e manifestações do passado – sítios e objectos arqueológicos, arquitectura histórica, documentos, obras de arte -, mas também o que se chama património vivo, isto é, as diversas manifestações da cultura popular – nativa, regional, popular ou urbana – as populações ou comunidades tradicionais, as línguas e os dialectos regionais, o artesanato e a arte popular, a forma de vestir, os costumes e tradições e, em geral, as características de um povo ou cultura. O património é, em definitivo, o produto de um processo histórico dinâmico e o resultado da interacção da sociedade com o seu passado.

Apesar da crescente e manifesta homogeneização dos diversos aspectos do quotidiano, observam-se “ movimentos de revitalização e reinterpretação da especificidade cultural” (Moreira, 1996:23), que parecem constituir reacções locais aos efeitos de globalização. Estas

preocupações traduzem-se num aumento da importância atribuída à preservação do património, como elemento de afirmação das singularidades locais.

Este sentimento colectivo de nostalgia fez nascer um mercado patrimonial aliado à lógica da sua valorização comercial. O património tornou-se uma componente essencial da indústria turística com implicações económicas e sociais evidentes.

A forte tendência de concentração da oferta turística junto ao litoral, esta a ser invertida pela exploração turística dos recursos patrimoniais, dispersando o turismo para o interior, para as pequenas cidades, com uma distribuição mais equitativa dos seus benefícios, funcionando assim como factor de criação de emprego e de revitalização das economias locais. Representa também, benefícios evidentes no que concerne aos custos de preservação do património, que muitas vezes não podem ser assegurados pelos poderes locais.

O património converteu-se, nos últimos anos, num verdadeiro culto popular. No entanto, esta tendência de valorização comercial do património tem por vezes dado lugar a versões extremas de utilização turística dos recursos patrimoniais. Não raras vezes, são recriados pseudo-eventos históricos numa tentativa de converter em espectáculos virtuais culturas inteiras, que vendem a ilusão do passado a uma civilização que tem necessidade do imaginário histórico.

È necessário utilizar regras de convivência, para que estes locais não fiquem descontextualizados, porque os benefícios podem-se tornar rapidamente em processos de degradação, gerando desequilíbrios. O desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar racionalmente os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa efectiva melhoria para as populações, tanto daquelas que o praticam como daquelas que o acolhem.

A cultura, o passado e o património não se vendem. E se se venderem todo o sentido último subjacente à expressão cultural dos povos será expropriado.

Não se pode negar que a relação entre património e turismo está definitivamente instalada. Há necessidade, porém, de impor regras de convivência entre ambos numa perspectiva de rentabilização económica e de desenvolvimento social.

Capítulo V

Projecto de Dinamização e Animação da Igreja de S. Pedro de Ferreira

5.1- Objectivos

No panorama actual de grandes mudanças, o mundo cultural, em geral, e o património, em particular, começaram a aplicar uma nova mentalidade de negócio e competência em busca de qualidade, através de implementação de estratégias que visam o compromisso entre os objectivos sociais e os fins lucrativos que justificam a sua existência.

Converter o património num recurso económico ou num objecto de grande consumo a partir de valores com grande significado, como passado, identidade, autenticidade ou conhecimento científico, coloca o património num patamar especial a que não se pode furtar. No entanto, torna-se necessário verificar se é possível fazer aliar identidade cultural e promoção económica.

Utilizar o património para gerar riquezas, proporcionar reconhecimento e sentimentos de orgulho comunitário e promover o enriquecimento cultural, ao mesmo tempo que proporciona a fruição do monumento versus meios para a gestão e conservação do património, são os ideais do Turismo Cultural (Neves, 2004).

Uma vez que os princípios do Turismo Cultural se prendem com a utilização do património como uma via capaz de produzir riquezas que depois deveriam ser aplicadas na própria região, é também uma fonte geradora de empregos tanto ao nível local como regional, facilita o desenvolvimento da qualidade de vida das populações e visa a promoção do enriquecimento cultural, pensamos que o nosso projecto de dinamização é uma mais valia para o concelho de Paços de Ferreira e para o Vale do Sousa em geral.

A finalidade deste projecto é: - tentar conciliar o turismo cultural com as actividades lúdicas como forma de captar um leque mais alargado de visitantes, atendendo a que as tendências das motivações estão a mudar e o património cultural assume um papel de destaque nessa mudança;

- A criação de um Movimento Cultural denominado “ **PEDAÇOS DE NÓS**” cujo fim é o serviço à comunidade e não o lucro. Com o objectivo de preservar as memórias e as tradições locais, através da realização de eventos levados a cabo com o apoio dos vários voluntários;

- Satisfazer os residentes locais, cativando-os para colaborar com a organização, por exemplo, no acolhimento dos turistas e na oferta de serviços ao visitante;

- Dinamizar a Igreja de S. Pedro de Ferreira, monumento inserido na Rota do Românico do Vale do Sousa, considerando a importância atribuída a RRVS pelas entidades locais e regionais;

- Cativar o interesse do mercado dos potenciais consumidores, bem como captar a atenção de todos os actores regionais e locais, turísticos, agências de viagens, regiões de turismo, de modo a que os mesmos possuam um conhecimento real sobre o produto para que depois seja possível recomenda-lo;

- Consciencializar a comunidade para a existência de uma riqueza cultural, que é importante preservar e divulgar;

- A dinamização e animação da Igreja de S. Pedro de Ferreira através da realização de concertos de música medieval, barroca, de câmara, exposições temáticas (de pintura e arte sacra), itinerário-exposição da RRVS, visitas guiadas, mostras de artesanato e gastronomia;

- Incentivar mostras culturais regionais que permitem às populações locais participarem activamente na divulgação das suas tradições, bem como na recriação de memórias passadas, nomeadamente, os eventos teatrais que marcam acontecimentos e as principais celebrações litúrgicas, **como por exemplo**, Auto de Adão e Eva e do Menino; Auto dos Três Reis e a Dança do Menino.

- E ainda, a criação de uma rota complementar para visitar a Citânia de Sanfins e o Dólmen de Lamoso, dois importantes legados arqueológicos do concelho. Este percurso terá a duração de um dia, incluindo o almoço num restaurante típico (Anexo 2), para dar a conhecer a gastronomia regional.

São apenas alguns exemplos da panóplia de iniciativas turístico-culturais que podem ser organizadas pelas várias entidades envolvidas no projecto.

Através desta acção pretendemos não apenas contribuir para a promoção interna do nosso projecto e nomeadamente da RRVS, como também contribuir para a promoção dos valores locais do nosso riquíssimo património cultural.

Pretendemos assim comprovar a verdadeira vocação cultural dos locais ao potenciarem a cultura viva, ao estimularem e dinamizarem a vida cultural, ao protegerem e divulgarem o seu

património cultural, para que o resultado final seja o desenvolvimento da actividade cultural e turística da nossa região – O Vale do Sousa.

Se a tudo isto juntarmos a interactividade com a população local, estarão reunidas as condições perfeitas para dinamizar com sucesso esta proposta da Rota do Românico do Vale do Sousa e atrair um maior número de turistas à região.

6.2 – Público-Alvo

O turista cultural elegeu este modo de gozar o seu tempo livre entre muitas possíveis. Não nos podemos esquecer que o turista, ao ter uma maior experiência em viagens, tende a procurar um turismo alternativo especializado ou temático e a dar mais valor ao património. O facto de ter tomado esta opção, indicará, talvez, uma certa motivação por conhecer ou ver algo mais, isto é uma motivação cultural. Esta motivação leva-nos a reflectir sobre a importância e as consequências da dita experiência do lazer. Cada definição de lazer gera um tipo de turismo que tem os seus pontos de referência em determinados estilos de vida, formação, hábitos, compreensão, vivência de valores, etc. Será através do conhecimento de todas estas referências de lazer distintas, que a planificação a curto e a médio prazo, do desenvolvimento de actividades, dos meios de comunicação de ofertas, etc., irá ser elaborada.

Atendendo à especificidade da oferta este projecto, reconhecemos que será difícil atingir todos os visitantes do mercado, pelo que pretendemos preferencialmente abarcar um público-alvo também ele com características diferenciadas, mas simultaneamente abarcar uma malha diversificada de públicos.

Normalmente, os públicos mais atraídos por este tipo de turismo, são públicos já com “background” cultural médio/elevado, mas a nossa pretensão é atrair outros tipos, através de criação de eventos culturais capazes de captarem o interesse de um leque mais alargado de visitantes, sejam eles locais, regionais, nacionais e internacionais.

Ambicionámos atrair os visitantes com motivações culturais, e que demonstrem interesse pelo património/arte, que podem ser considerados potenciais interessados, como por exemplo: historiadores; investigadores/medievalistas; amantes da música; professores e as escolas dos vários níveis de ensino da região, país e estrangeiro.

É nosso objectivo atrair também todos aqueles cujas motivações culturais são complementares às actividades de lazer e recreio, que desenvolvem durante a sua estadia.

O turista de negócios, é também ele, um potencial visitante dos espaços culturais uma vez que paralelamente à sua actividade profissional pode fazer visitas de carácter cultural.

Por último mas não menos importante, envolver a própria população local, educando-a, uma vez que estes últimos têm que estar sensibilizados para a gestão e conservação do seu património, preservando vivas as tradições e as suas memórias (Fyall e Leask, 2003), elementos que dão um carácter único ao Vale do Sousa.

5.3- Comunicação e Distribuição

Estando conscientes do poder da comunicação, o objectivo é dar a conhecer a existência desta rota através da sua personalização.

A divulgação do projecto será realizada nos órgãos de comunicação locais, nacionais e da especialidade, nas revistas e nos guias de viagens, através de anúncios; inserir na página da Internet da AderSousa, e no Vale do Sousa Digital, informação básica (localização, acessos, programas especiais e horários, acompanhado de fotografias e ilustrações) para que o visitante possa ter uma ideia do que pode encontrar na sua visita.

A participação em Feiras de Turismo, nacionais e internacionais, workshops, seminários, conferências, jornadas culturais, etc.

Os profissionais do turismo mais relevantes pela especialidade da sua articulação com o campo do turismo Cultural, como sejam os: os agentes de viagens, operadores turísticos, profissionais ligados à recepção dos visitantes e turistas nos monumentos; profissionais dos segmentos da hotelaria, TER e restauração; profissionais do ramo da animação cultural; técnicos das Câmaras Municipais e Associações de Desenvolvimento ou similares relacionados com os domínios do património e do turismo; técnicos dos órgãos regionais e locais de turismo através de acções promocionais terão oportunidade de fruírem os eventos para possibilitar uma melhor capacidade de resposta, uma vez que a distribuição será efectuada por eles.

Havendo também a possibilidade, de a longo prazo, de ser executado material promocional (marcadores de livros, postais, canetas, pins, entre outros).

Posteriormente, será proposta a criação de um desdobrável (Anexo 3) com informações sobre a Igreja de S. Pedro de Ferreira, Dólmen de Lamoso e Citânia de Sanfins, respectivo mapa de acesso, alojamento e alguns restaurantes, que se encontrará disponível no local, nos Postos de Turismo da região, nas câmaras municipais, casas da cultura, Faculdades da respectiva área, Escolas do Vale do Sousa, e até mesmo em revistas da especialidade, hotéis, restaurantes, entre outros.

5.4 – Formas de Patrocínios

Para viabilizar este projecto será necessário recorrer a patrocínios e algumas parcerias, sendo indispensável a entreaajuda institucional e empresarial. Neste sentido torna-se imperioso recorrer a patrocínios das instituições e das empresas locais, que por exemplo, a troco de publicidade farão a respectiva comparticipação no custo do desdobrável (Anexo 3).

Ao mesmo tempo, e para obter sustentabilidade e credibilidade as instituições locais, nomeadamente, Adersousa, Câmara Municipal e Valsousa entre outras Associações de Desenvolvimento ou similares relacionados com os domínios do património e do turismo, deverão certificar este projecto.

Estamos a estudar a hipótese de captar doações de algumas empresas através de uma campanha “ Um Monumento – Um Amigo”, que possibilite angariar fundos e simultaneamente beneficiar a imagem da empresa.

5.5 – Financiamento

Para tornar viável este projecto é necessário, tal como já foi referido, recorrer a patrocínios. No entanto, gostaríamos de referir que estando projecto inserido num movimento regional denominado “ Pedacos de Nós”, será uma associação sem fins lucrativos que terá como objectivo primordial a preservação e divulgação do património cultural da freguesia de S. Pedro de Ferreira, e dependerá essencialmente de financiamentos públicos e privados.

Como tal, alguns dos financiadores desta associação serão naturalmente as Câmara Municipal local, bem como a respectiva Junta de freguesia, fundos comunitários, e ainda, mecenato, doadores, patrocinadores locais (empresários da região), etc.

6.6 – Calendarização

As actividades a desenvolver serão de carácter contínuo e outras pontuais. Consideramos pertinente que as representações teatrais tenham lugar durante a época natalícia, uma vez que marcam acontecimentos e as principais celebrações litúrgicas.

No que diz respeito aos concertos e exposições confiamos que os mesmos se realizem durante todo o ano, e de acordo com aquilo que se pretende expor, naturalmente que a época considerada mais alta (durante os meses de Verão) será a mais propícia, uma vez que a envolvente do mosteiro permite a realização de espectáculo ao ar livre.

6.7 – Avaliação do Projecto

Para aferir o sucesso deste projecto, torna-se necessário proceder a uma avaliação junto dos visitantes bem como população local, que poderá passar por inquéritos/questionários. (Ver anexo 4)

Capítulo VI

Conclusão

- Se o património transcende mais além do que o puramente cultural, para transformar-se num potencial recurso económico então não é menos certo que por esta mesma razão deva ser zelosamente protegido para garantir a sua continuidade e a sua sustentabilidade.

- O Turismo Cultural é um produto turístico em expansão e que parece vir a ser utilizado como uma espécie de contra-globalização económica, já que a identidade dos espaços turísticos e culturais dificilmente pode ser copiada.

- O Património é um ponto de referência dinâmico e um instrumento positivo de crescimento e intercâmbio. A memória colectiva e o particular Património de cada comunidade ou localidade é insubstituível, e é uma base importante para o desenvolvimento não só actual mas futuro.

- Estas actividades deverão beneficiar a comunidade local e proporcionar benefícios equitativos de carácter económico, social e cultural para a própria comunidade.

- Sendo a Igreja de S. Pedro de Ferreira um monumento âncora da RRVS e considerando que o Vale do Sousa apresenta ainda um turismo incipiente, parece-nos fundamental promover e dinamizar eventos neste espaço, com vista ao aumento de visitantes e ao conhecimento e notoriedade junto dos segmentos-alvo.

- Também para a população local este projecto reveste-se de particular importância, na medida em que ao envolver a mesma, esta poderá ser um veículo fundamental de divulgação e de promoção da própria igreja e do concelho em geral.

- A Citânia de Sanfins e o Dólmen de Lamoso constituem dois vectores de atractividade de grande relevância como complemento à Rota do Românico do Vale do Sousa, daí terem sido incluídos como reforço de imagem e notoriedade do concelho de Paços de Ferreira

- Concluindo, pensamos que a dinamização da Igreja de S. Pedro de Ferreira faz todo o sentido uma vez que permite “dar vida” a um monumento especial e envolver toda a população na luta pela sua preservação, conservação e divulgação, além de trazer um aporte financeiro muito importante para o desenvolvimento do concelho e da região. E’

um instrumento de desenvolvimento e um motor de crescimento económico e gerador de postos de trabalho,

Bibliografia

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, (1971). *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa* in revista da Faculdade de Letras, Série de História, Vol. II, Porto, pp. 65-116.

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, (1978., *Arquitectura Românica de Entre-Douro e Minho*, Porto, (2 vols. Dactilografados), Tese de doutoramento na Faculdade de Letras.

Almeida, Fortunato de, (1967 – 71). *História da Igreja em Portugal*, 4 vol. Porto, Portucalense.

Almeida, José António Ferreira de (1982). (dir.), *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, (2ª ed.).

Barreira, João, *Arte Portuguesa. Evolução Estética*, Lisboa, Excelsior, s/d.

Barreiros, Manuel Aguiar. (1926) *A igreja românica de S. Pedro de Ferreira*. «Ilustração Moderna». 1, p. 6-35. Porto.

Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. (1937) *A Igreja de S. Pedro de Ferreira*, 7 S.I., Mar.

Câmara Municipal de Paços de Ferreira, (1991). *Paços de Ferreira – História Para Um Guerreiro*, Anégia Editores.

CCDRN e DHVFBO (2004). *Plano de Acção para a Dinamização e Implementação Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa*. Porto; CCDRN.

Dinis, Manuel Vieira. (1985). *Ermidas e Capelas de Paços de Ferreira*. Paços de Ferreira, Edições Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Dionísio, Santana (dir.), (s/d). *Guia de Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vários volumes.

Despacho Normativo N° 389/79, de 31 de Dezembro, «Regiões Plano e Agrupamento de Concelhos».

Direcção-Geral da Administração Local – *Administração Local em Números*, 1984, publicação da Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, p.14.

Fernandez, F.L.& Haulot, A.A. (1977), *Teoria e Técnica do Turismo*. Madrid, Nacional.

Fyall, B.G., e A. Leask (2003), *Managing Visitor Attractions: New Directions*, Elsevier, pp.58-72

ICOMOS (International Scientific Committee on Cultural Tourism). *Carta Internacional Sobre Turismo Cultural* (online). Paris, França: Julho de 2001.

Instituto Nacional de Estatística – Censos 2001

Izquierdo, Cármen Camarero, (2004). *Marketing do Património Cultural*, Madrid, Ediciones Pirámide

Mattoso, José, (1982) *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, IN-CM.

Monteiro, Manuel, (1954). *Igrejas Medievais do Porto*, Porto.

Neves, Joana (2004), *A Cultura como determinante de atractividade dos destinos turísticos*, Publituris, Lisboa

(orgs.) *Um olhar sobre a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Funarte, 1998.

Pelourinho. (1997). *Educação, Cultura e Turismo*. Paços de Ferreira. Pelourinho – Boletim Municipal.

Pereira, Arménio da Assunção. (1984). *Paços de Ferreira – Textos e Imagens sobre o Concelho*. Paços de Ferreira, Edições Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Real, Manuel Luís, (1986). *A Igreja de S. Pedro de Ferreira*, Paços de Ferreira.

«Revista Portugal Local» (2000), 1, nº 2, *Juntas de Freguesia*, p.15-31. Revista Portugal Local.

Santos, José Luís dos, (1983), *O que é cultura*. São Paulo, Brasilense (Coleção Primeiros Passos).

Silva, Armando Coelho Ferreira da, (1986). *As origens do Povoamento: do megalitismo à romanização*. Paços de Ferreira. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, pp.97-170.

Silva, Rosa Fernanda M. da, (1986). *Caracterização geográfica do Concelho de Paços de Ferreira*, Paços de Ferreira, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, pp. 11-75.

WTO (World Tourism Organization). Statistics (online). Madrid, Espanha, Agosto de 2001.

Vitorino, Pedro, (1927). *A Igreja de Paço de Sousa*, in *Ilustração Moderna*, Porto.

Estudos

Associação de Municípios do Vale do Sousa: *Região de Turismo Terra do Sousa*, (1984). Vale do Sousa.

Sítios de referência patrimonial:

www.adersousa.pt. (site da Ader-Sousa)

www.icomos.org/tourism (site do International Scientific Committee on Cultural Tourism)

www.cm-pacosdeferreira.pt (site da Câmara municipal de Paços de Ferreira)

www.monumentos.pt (Site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)

www.world-tourism.org/frameset/frame_statistics.html>.

www.valsousa.pt (site da Comunidade Urbana do Vale do Sousa)

ANEXOS

Anexo 1

Transcrição da entrevista com os Vereadores dos Pelouros do Turismo e da Cultura da Câmara Municipal de Paços de Ferreira

(Dr. Joaquim Pinto e Dr. Manuel Coelho)

Para a conclusão do meu projecto de Pós-Graduação em Turismo Cultural, com vista a desenvolver uma proposta para a dinamização da Rota do Românico do Vale do Sousa, escolhi como objecto de estudo a Igreja do Mosteiro de S. Pedro de Ferreira, em Paços de Ferreira. Por ser um monumento de carácter único da RRVS, é uma mais valia para o Vale do Sousa e para o Concelho em particular, por isso gostava que os Srs. Vereadores respondessem a algumas questões.

P – Existe, actualmente, da parte dos V. Pelouros, alguma iniciativa em curso ou uma proposta de animação e/ou dinamização da Igreja de S. Pedro de Ferreira?

R – V. Turismo – Dr. Pinto: - De momento o Pelouro do Turismo, não tem prevista nenhuma iniciativa, quer ao nível da animação quer ao nível da dinamização, para o Mosteiro.

Na actual conjectura não temos verbas para levar a cabo iniciativas de promoção do nosso património, não temos orçamento para realizar eventos capazes de captar visitantes. De momento nem temos pessoal qualificado no Posto de Turismo para dar informações aos visitantes...

R – V. Cultura – Dr. Coelho: - O meu caro colega tem razão. A situação das Câmaras Municipais é muito precária. Não há verbas para nada, por isso as iniciativas são muito limitadas. Mas o Pelouro da Cultura tem previstos alguns programas para o concelho, e que contempla a Igreja de S. Pedro de Ferreira, iremos realizar alguns concertos de Jazz e música clássica, ao ar – livre, no jardim envolvente da Igreja durante o período de Verão. Temos mais algumas ideias, mas temos que aguardar a próxima Assembleia Municipal, para ver se serão aprovadas.

P – Vejo que a situação é péssima. E então, ao nível da promoção turística do Mosteiro existe algum projecto?

R – V. Turismo – Dr. Pinto: - A situação repete – se, não há verbas...

Mas como o Mosteiro está inserido na RRVS, estamos a trabalhar em conjunto com os outros organismos para promover a Rota. Pensamos que a promoção em conjunto, para além de momento não nos ser possível efectuar uma operação deste tipo sozinhos, terá um maior impacto, será mais abrangente e eficaz se for efectuada em conjunto pelos Municípios do Vale do Sousa e pelos vários organismos ligados à Rota. Causará um maior impacto e será uma promoção efectuada a uma escala mais alargada.

P – Considerara importante uma proposta de dinamização e animação da Igreja?

R – V. Turismo – Dr. Pinto: - Sem dúvida. Qualquer tipo de iniciativa que vise a promoção do nosso património será excelente. Não só para a Freguesia de Ferreira, onde está localizado o Mosteiro, mas para todo o Concelho, pois, iria beneficiar a todos os níveis, económico, social e cultural.

Da parte da Câmara Municipal podem contar com todo o apoio que pudermos disponibilizar, todas as iniciativas serão de louvar.

P – Como vê Paços de Ferreira daqui a dez anos? Não teme a transformação do concelho numa espécie de “cidade-dormitório”?

R – Dr. Pinto: Não. O nosso posicionamento em determinados sectores de actividade, como o mobiliário e noutros projectos que temos desenvolvido, nomeadamente a criação de estruturas modernas de acolhimento empresarial e ainda o enfoque que o Sr. Presidente da Câmara tem colocado em questões como a educação e o lazer darão resultados a médio prazo e afastarão esse fantasma definitivamente. Repare que com a criação de postos de trabalho estamos a afastar esse perigo.

P – O concelho a seu ver, tem uma estratégia de desenvolvimento? Que implicações terá no turismo?

R – Dr. Pinto: Em termos de desenvolvimento económico, como é óbvio, temos um projecto para o Concelho de Paços de Ferreira.

A forma como “ vendemos” o nosso concelho é fundamental e estou absolutamente convicto que podemos melhorar ainda mais, no caso dos consumidores portugueses e incrementar no caso dos da população estrangeira, a imagem que existe do nosso mobiliário, que queiramos quer não é o motor da nossa economia regional. Repare que através do comércio de mobiliário, que tem como alvo a população da região que dista do concelho 600 km (seja para o Sul d Portugal, ou para Espanha), estaremos igualmente a potenciar o Turismo de Negócios, que cria muitos empregos aqui na região.

Logo, é importante dinamizar os nossos recursos turísticos de forma a atrair cada vez mais visitantes.

- Agradeço aos Srs. Vereadores o tempo e toda a atenção dispensada, para responderem às minhas questões. Bom dia. Muito Obrigada.

Anexo 2

Restauração

Adega Regional o Tatana,
Rampa da Escola – Carvalhosa
Telf: + 351 255 962 971

Churrasqueira Pacense,
Rua Dr Leão Meireles – Paços de Ferreira
Telf: + 351 255 963 851

Marisqueira O Tarasco,
Av. Da Liberdade, nº 62 – Figueiró
Telf: + 351 255 881 794

Restaurante Adega Regional,
Rua do Recanto, nº 33 Freamunde

Restaurante Água Mole,
Av. Capitão da Praça Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 868 863

Restaurante Calvário,
Rua do Calvário – Frazão
Telf. + 351 255 871 204

Restaurante Casa Cancela,
Rua Alexandrino Chaves Velho – Freamunde
Telf. + 351 917 807 011

Restaurante Casa de Campo,
Rua de S. Tiago – Figueiró
Telf. + 351 255 879 641

Restaurante Casa dos Frangos,
Rua Fonte dos Moleiros – Freamunde
Telf. + 255 870 755

Restaurante Citânia,
Av. D. Sílvia Cardoso, nº 146 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 963 050

Restaurante Elitis,
Rua Antero Chaves – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 865 070

Restaurante O Gusto,
Rua Freamunde de Cima – Freamunde
Telf. + 351 255 870 166

Restaurante O Lago,
Praça 1º de Maio – Freamunde
Telf. + 351 255 870 166

Restaurante Leitões do Calvário,
Rua do Calvário, nº 89 – Frazão
Telf. + 351 255 863 713

Restaurante Marceneiro,
Rua D. João I, nº 15 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 865 583

Restaurante Mário,
Rua Bombeiros Voluntários – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 963 273

Restaurante A Nossa Pensão,
Av. 1º de Dezembro, nº 437 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 962 548

Restaurante Pinheiral,
Rua Infante D. Henrique – Seroa
Telf.: + 351 255 862 052

Restaurante ponto de Encontro,
Rua de Banda – Freamunde
Telf: + 351 255 878 534

Restaurante A Presa,
Rua Além do Rio – Freamunde
Telf: + 351 255 870 872

Restaurante Quinta de Pedreira,
Rua da Costa – Eiriz
Telf: + 351 255 864 769

Restaurante Quinta do Pinheiro,
Rua do Miraldo – Freamunde
Telf. + 351 255 870 097

Restaurante Regional O Solar de Ferreira,
Travª do Samonde – Ferreira
Telf. + 351 255 865 506

Restaurante S. Domingos,
Av. 20 de Maio, nº 295 – Carvalhosa

Curso de Pós-Graduação em Turismo Cultural

Telf. + 351 255 865 035

Restaurante Ponte Nova
Rua Drº Queirós Ribeiro, nº 100 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 864 321

Restaurante Tons de Caffé,
Praça Dr. Luís, nº 3 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 866 501

Restaurante O Penta – Cozinha Brasileira
Rua 6 de Novembro – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 963 861

Restaurante Chinês Hing Hong,
Rua Antero de Figueiredo – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 866 540

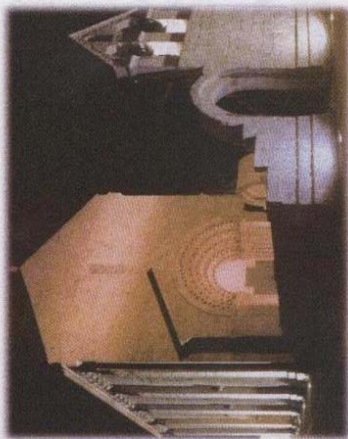
Restaurante Pizzeria Traviatta,
Rua Tenente Leonardo Meireles, nº 146 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 865 749

Restaurante Touro na Brasa,
Rua Dr. Leão de Meireles, nº 177 – Paços de Ferreira
Telf. + 351 255 862 487

Anexo 3

Desdobrável (simulação computadorizada de uma possível proposta).

MOSTEIRO DE S. PEDRO DE FERREIRA



O Mosteiro de Ferreira, classificado como Monumento nacional é considerado pelos especialistas como a mais perfeita e equilibrada construção do nosso românico rural. Exemplo típico de um estabelecimento eclesiástico de raiz agrária, que remonta ao último quartel do século XII, exerce particular fascínio para os visitantes que gostem de história da arte e uma lição sobre a estética deste estilo artístico.

CITÂNIA DE SANFINS



A Citânia de Sanfins é uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do noroeste peninsular e da Proto-História europeia. A vasta panorâmica, que dela se abranje sobre todo o Entre Douro e Minho, terá sido factor estratégico determinante do desenvolvimento deste importante povoado, conferindo-lhe uma posição de lugar central no quadro da rede de povoamento regional.

DÓLMEN DE LAMOSO



Os primeiros vestígios a ocupação humana reconhecidos com segurança na área concelhia permitem delinear um quadro de sequências culturais desde formas incipientes de actividade agrária em horizontes megalíticos bem documentados, a um papel de primordial importância durante a Idade dos Metais. O melhor testemunho deste passado é o célebre Monumento Nacional - O Dólmen de Lamoso.

ALOJAMENTO

1 - Casa de Rosende
Rua de Rosende - Raimonda
Telf: +351255879082

2 - Hotel Rural Da Vista Alegre
Freamunde
Telf: +351255880150

3 - A Nossa Pensão
Av. 1º de Dezembro, Nº 437
Paços de Ferreira
Telf: +351255962548

4 - Quinta do Alves
Fundo de Vila Arreigada
Telf: +351255873093

5 - Quinta do Engenho
Quintela - Eiriz
Telf: +35125591108

6 - Quinta de Paredes
Rua de Paredes - Codessos
Telf: +351255879471

PAÇOS DE FERREIRA

7 - Quinta do Pinheiro - Hotel Rural
Freamunde
Telf: +351255870097

8 - Quinta do Sistelo
Paços de Ferreira
Telf: +351255862712

9 - O Ramalhete
Lugar da Igreja - Frazão
Telf: +351255871722

RESTAURANTES

O Marceneiro
Rua D. João I Nº 15 P.F.
Telf: +351255865583

A Nossa Pensão
Av. 1º de Dezembro, Nº 437 P.F.
Telf: +351255962548

Tons de Caffé
Praça Drº. Luis, 3º Drt P.F.
Telf: +351255866501

Anexo 4 – Questionário a ser preenchido pelos visitantes da Igreja de S.Pedro de Ferreira

1 – A que género pertence?

Masculino

Feminino

2- Qual a sua proveniência?

Norte

Centro

Sul

Ilhas

Outros

3- Qual a faixa etária a que pertence?

Até 18 anos

Dos 18 aos 30

Dos 30 aos 50

Mais de 50

4- Qual a escolaridade que possui?

Obrigatória

Secundária

Licenciatura

Outras

5- Como tomou conhecimento da Igreja do Mosteiro de Ferreira?

Jornais

Televisão

Rádio

Internet

Revista da especialidade

Agências de Viagens

Escolas

Faculdades

Outras

6- Quais dos seguintes destinos prefere para passar as suas férias?

- Locais Tranquilos
- Envolvente cultural
- Praia
- Cidades e regiões históricas
- Locais interessantes pela sua cultura, gente e gastronomia
- Outros

7- Qual o grau de satisfação que obteve na visita à Igreja de S. Pedro de Ferreira?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito mau

8 – O que mais o impressionou na visita à Igreja de S.Pedro de Ferreira?

- Monumento
- Acolhimento
- Serviços (guia, restaurante, bar, higiene, etc.)
- Animação
- Outros

9– O que procura quando visita este tipo de monumento?

10 – Já conhecia a Rota do Românico do Vale do Sousa? Se sim, como tomou conhecimento?

11 – Tem alguma sugestão a fazer?

Nome: -----

Tel.: Mail:

Morada:

(Estes dados são confidenciais, o seu preenchimento é facultativo)

